

*Denilson da Silva Matos**

***Resenha do Livro
A religião dos primeiros cristãos:
uma teoria do cristianismo primitivo*****

Gerd Theissen analisa, em sua obra, a religião dos primeiros cristãos a partir de uma definição específica de Religião, a saber, a religião como um sistema cultural de sinais. Sua definição de religião é a seguinte: “Religião é um sistema cultural de sinais que promete o proveito da vida mediante a correspondência a uma realidade última” (THEISSEN, 2009, p.13). Essa definição de Theissen baseia-se na obra de Clifford Geertz (GEERTZ, 1989, p.14). Todavia, em vez de dizer que a religião é um sistema de símbolos, como Geertz, entende a religião como um sistema de sinais, tendo em vista que, os símbolos são “apenas uma forma especialmente complexa de sinais” (THEISSEN, 2009, p.14).

Theissen divide sua definição de Religião em duas partes: a primeira parte é denominada como o “ser” da religião; a segunda parte como “função” da religião, ou seja, o que ela realiza. Segundo ele, a primeira parte de sua definição, a saber, a religião como linguagem cultural de sinais, contém três traços: caráter semiótico, sistêmico e cultural. Quanto ao caráter *semiótico* da religião, Theissen sublinha que, nossa compreensão do mundo acontece por meio de um sistema de interpretação. Essa mudança não acontece naturalmente. Ela é influenciada por “sinais”, fornecidos pela ciência, cultura e religião, moldando assim o nosso mundo, não o modificando, especificamente, mas, tornando-o habitável.

* Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Membro do Grupo de Pesquisa Oracula - Estudos de Apocalíptica, Misticismo e Fenômenos Visionários (UMESP). Docente da Faculdade de Tecnologia Jardim (FATEJ). E-mail: smdenilson@gmail.com

** THEISSEN, Gerd. **A religião dos primeiros cristãos**: uma teoria do cristianismo primitivo. São Paulo: Paulinas, 2009. 450 p.

Quanto ao sistema religioso de sinais, que ajuda no processo de interpretação do mundo, especificamente os sinais religiosos, segundo Theissen, há uma combinação de três formas de expressão que se unem: mito, rito e etos. O “Mito”, de acordo com Theissen, funciona como uma explicação, de forma narrativa, o que determina o mundo e as ações concretas da vida. Todavia, diferentemente das outras narrativas míticas, na tradição bíblica, o mito se estende e relaciona-se com a história, tornando-se uma narrativa histórico-salvífica, ressaltando a relação dos atos de Deus no tempo primordial e na história com Israel, o destinatário desse favor e parceiro social desse mesmo Deus.

Os “Ritos” para Theissen são “padrões de comportamentos repetitivos com os quais as pessoas interrompem suas atividades cotidianas, a fim de apresentar a outra realidade significada no mito.” Mediante palavras interpretativas os mitos são atualizados, os comportamentos são relacionados com sinais de “outra realidade” e os objetos, por influência desse novo comportamento adquirido num “excedente simbólico”, são relacionados a lugares sagrados, longe do uso cotidiano, como por exemplo, aos edifícios que tais rituais acontecem. Os ritos mais antigos, tanto no judaísmo quanto no cristianismo e na filosofia, segundo ele, são os sacrifícios cruentos de animais, que com o passar das eras foram sendo substituídos por novos ritos incruentos.

“Etos” são todas as normas éticas e valores morais que pertencem ou podem ser ligados à linguagem dos sinais. Esses valores são impulsionados e sancionados por uma divindade específica, não tendo como problema a qualidade de tais mandamentos, se são bons ou maus, mas, ordens divinas que determinam toda a vida. Theissen se utiliza do exemplo da Torá, cujas normas e valores éticos, de um só e único Deus, são integrados ao cotidiano no judaísmo.

O segundo traço da religião como linguagem cultural de sinais é seu caráter *sistêmico*. Os sistemas de “sinais”, segundo Theissen, só podem executar sua tarefa adequadamente em relação e oposição a outros sinais. Os sinais de uma religião criam um novo sistema de linguagem, diferente da língua mãe, que constitui sua diferença de outro sistema de linguagem de outra religião, ou seja, cria-se uma gramática de sinais específicos que somente os “membros” daquela determinada religião conhecem, pois são iniciados em tal gramática.

Theissen identifica em tais gramáticas alguns *axiomas fundamentais*. Pelo fato de analisar o cristianismo primitivo que, segundo sua hipótese, é uma reformulação do judaísmo tradicional, ele começa

explicando os *axiomas fundamentais* do judaísmo. Segundo Theissen, o judaísmo possui somente dois *axiomas fundamentais*: o monoteísmo e o nomismo da aliança. O cristianismo modifica, questiona, radicaliza esses *axiomas fundamentais*, constituindo assim, um sistema simbólico autônomo, com *axiomas fundamentais* diferentes dos *axiomas* da religião mãe, o judaísmo. Segundo Theissen (2009, p. 19), “Em resumo, no cristianismo primitivo, em vez de dois axiomas fundamentais judaicos, monoteísmo e nomismo da aliança, encontramos os dois axiomas fundamentais monoteísmo e fé no salvador – mediante que o monoteísmo foi modificado pela fé no salvador e o nomismo da aliança foi estendido a todas as pessoas pela fé em um salvador universal.” O terceiro traço da religião como linguagem de sinais é seu caráter *cultural*. Por ela ser uma linguagem religiosa de sinais criada por seres humanos ela, conseqüentemente, reproduz um comportamento social, são históricas, pois são entrelaçadas com os grupos intimamente ligados a ele. No caso do cristianismo, ela se constitui por meio de um desligamento de sua religião mãe, tornando-se autônoma, distanciando-se de alguns sistemas de sinais propostos pelo judaísmo e, automaticamente, potencializando outros e, até mesmo, unindo-se a outras propostas de outras religiões.

A segunda parte da definição de religião proposta por Theissen, a religião “promete o proveito da vida mediante a correspondência a uma realidade última”, diz respeito à função da religião na vida individual e social do “fiel”. Assim como na primeira parte de sua definição, Theissen propõe duas características da função da religião: a primeira é a *função psíquica*, e a segunda a *função social*. A *função psíquica* pode ser dividida em três aspectos: cognitivos, emocionais, e pragmáticos.

O *aspecto cognitivo* da religião age, principalmente, em questões que fogem da nossa alçada, especialmente mediante experiências-limite. *Emocionalmente* ela funciona como um anestésico, um sentimento de segurança mesmo diante de dificuldades e conflitos. Todavia, também causa crises emocionais por meio do medo e sentimentos de culpa. Quanto à *pragmática* da religião tem como objetivo legitimar formas de comportamentos que, ao mesmo tempo, podem superar crises e também provocar crises, ou seja, ao sugerir o que os “fiéis” podem ou não podem fazer, onde devem ou não devem frequentar.

A *função social* da religião, segundo Theissen, expressa-se como *função socializadora*. Isso quer dizer que a religião tem como objetivo levar o indivíduo a aprender os valores e normas da sociedade, por meio de ritos de passagem e mediação de valores. Funciona como uma “for-

ma de protesto contra cultural oposta ao mundo que ‘jaz na maldade’ (THEISSEN, 2009, p.24). Ela se expressa, também, como *reguladora de conflito*. Neste caso, não é o indivíduo que se confronta com a sociedade, mas, os grupos. Neste caso, não acontece somente amenização de conflitos, também, surge exacerbação de conflitos mediante propostas utópicas e proféticas.

Após esboçar sua definição de religião, Theissen a aplica ao judaísmo e ao cristianismo primitivo. Para ele, se quisermos descobrir o que é próprio do cristianismo primitivo é necessário assinalar a diferença em relação à religião judaica, ou seja, a sua religião mãe. Nos doze capítulos que restam de sua obra, Theissen busca demonstrar como seus apontamentos contribuem para uma compreensão do judaísmo e para uma compreensão do cristianismo primitivo, tendo em vista que o cristianismo é o resultado de uma reformulação do judaísmo.

Theissen afirma que, a princípio, Jesus não se diferenciava de alguns profetas que o antecederam. Sua mensagem não era totalmente diferente de outros que tentavam revitalizar a fé judaica. Sua mensagem era a concretização de um mito judaico, o coerente monoteísmo judaico, ou seja, o reinado de Deus. Seu radicalismo quanto à ética judaica não o distancia da religião matriz, mas, adiciona a galeria dos profetas. Em resumo, Jesus não pretende realizar um êxodo do judaísmo, mas, intenta realizar um movimento de revitalização do mesmo. Assim, a mensagem de Jesus assemelha-se aos diversos movimentos que propõem o mesmo.

Todavia, as interpretações pós-pascuais transformaram Jesus em um ser divino. A mitologização de Jesus acontece, segundo Theissen, através do contato com outras religiões que, numa imitação mútua, assemelham-se uns aos outros, mas, ao se aperfeiçoarem, superam os concorrentes. A isso ele chamou de “sincretismo de superação”, que acredita acontecer também no cristianismo primitivo. A exaltação de Jesus ressaltava sua superioridade em relação aos outros deuses e figuras divinas. Sua exaltação como ser divino também tem como objetivo reduzir a distância religiosa entre Deus e os seres humanos.

A ética cristã primitiva é uma radicalização dos etos judaico. Os dois principais valores éticos do cristianismo primitivo podem ser encontrados tanto no judaísmo, quanto no mundo pagão. O amor ao próximo pode ser encontrado no judaísmo, todavia, ele aparece como amor a pessoa de semelhante *status*. No cristianismo primitivo, amar ao próximo torna-se amar o inimigo, amar aos estrangeiros, aos peca-

dores, ou seja, pessoas de *status* diferente. Outro valor fundamental para o cristianismo é a *humildade* ou *renúncia de status*. Esse último proporciona mudança em algumas formas de relacionamentos sociais: entre poder e senhorio e bens e riqueza. Segundo Theissen, o que reforça estes valores fundamentais do cristianismo primitivo é o exemplo de Cristo que, ao renunciar seu *status* divino, é exaltado por Deus, mediante sua fiel obediência.

Ao tratar dos principais ritos do cristianismo primitivo, ou seja, o Batismo e a Eucaristia, Theissen demonstra que eles são transformados mediante a morte de Jesus. A princípio o Batismo de João era uma convocação à conversão, um retorno para Deus, sem ligações com recomeço radical. Todavia, no cristianismo primitivo foi relacionado com a morte de Jesus, que exigia não uma conversão, mas, um recomeço radical. Uma nova vida em Cristo. Da mesma forma, a Eucaristia foi ligada à morte de Jesus, como perdão dos pecados.

Ao reinterpretar a morte de Jesus como sacrificial, ou seja, sua morte substitui todos os sacrifícios, o cristianismo primitivo afasta-se dos rituais sacrificiais do judaísmo. Assim, o cristianismo primitivo foi se desvencilhando do judaísmo mediante a linguagem simbólica, o abandono das prescrições alimentares, sinais rituais de identificação do judaísmo, como por exemplo, a circuncisão; mediante a criação de uma linguagem simbólica narrativa, a exaltação de Jesus acima de tudo e todos nos evangelhos; e mediante a criação de um novo *etos* social, cuja principal característica era o abandono das tradições paternas herdadas, o que era totalmente novo, até mesmo para as demais religiões.

Por fim, Theissen dedica algumas páginas para discutir a formação do cânone. De acordo com Theissen, o surgimento do cânone acontece mediante conflitos, dentre eles, o principal é o conflito causado por Marcião, representante da corrente gnóstica do cristianismo primitivo. Theissen afirma que, o cânone preserva e limita a crescente pluralidade do cristianismo primitivo, mas, condensa os *axiomas fundamentais* do cristianismo primitivo, o que permite essa unidade na pluralidade.

Assim, Theissen esboça sua teoria do cristianismo primitivo, como um sistema simbólico autônomo que, a princípio, constituía-se como um movimento de revitalização do judaísmo, mas, com o passar dos anos foi se desvencilhando do sistema simbólico da religião mãe, criando seu próprio sistema cultural de sinais.

A obra de Theissen, sem dúvida, é muito importante. Todavia, acho que sua análise deu pouca importância aos escritos apócrifos e

pseudoepígrafos, tanto do Antigo Testamento, quanto do Novo Testamento. A constituição de um sistema cultural de sinais do cristianismo primitivo limitou-se aos textos canônicos. Além disso, senti falta do material apocalíptico, tanto da tradição judaica, quanto da literatura apocalíptica cristã. Sem dúvida, a literatura apocalíptica também confronta os principais *axiomas fundamentais* do judaísmo, principalmente o monismo da aliança, como I Enoque, que não se preocupa com a história de Israel em sua narrativa, tampouco com as narrativas que estabelecem a aliança. Sua análise se limita ao séc. II d.C., o que acho muito cedo para determinar a constituição do cristianismo como um sistema cultural de sinais. Todavia, tenho total compreensão da dificuldade de tal empreendimento. Assim, ressalto que a obra de Theissen é muito importante. Qualquer pesquisador do cristianismo primitivo não pode deixar de tê-la em sua biblioteca.